

Prodígios em textos e telas
(sobre *Exercícios de viver em palavra e cor*)

Maria Theresa Abelha Alves

Lélia Parreira Duarte, conhecida ensaísta que se tem dedicado ao estudo da ironia e do humor, iniciou-se recentemente no ramo da criação lírico-pictórica. Embora estreante, seus textos ilustrados por telas ou suas pinturas legendadas por poemas já revelam a maturidade plena de quem há muito fez da arte motivo de conhecimento. É o que ensina o poema que abre o livro, a guisa de *Introdução*, poema concebido como auto-retrato, onde uma subjetiva voz lírica se apresenta, fornecendo pistas fecundas aos que, como apreciadores das pinturas e leitores dos textos, lhe aceitarem o convite à *cumplicidade*. Nestes *Exercícios de viver em palavra e cor* com que Lélia, lado a lado, nos mostra seus poemas e seus quadros, em belíssima edição da coleção “Obras em dobras”, da Editora Veredas e Cenários, a arte é concebida como um *exercício* de gnose a ser compartilhado, modo lúcido de *aprender* o inapreensível, o *sentido* que sempre se desloca para um lugar aquém em sua absoluta *fragilidade* intervalar. A voz lírica, ao se identificar pelo *estudo*, parece querer insinuar que aprender é também inquirir. A palavra grega *eironeia*, de que se derivou ironia, em sua origem significa

“modo de perguntar”. Se, com perguntas, a autora tem elaborado seus ensaios críticos, não menos inquiridores são os poemas e quadros que nos dá a ler, a ver e a fruir. Eles perguntam sobre a arte e o desejo, sobre o sonho e a frustração, sobre a vida e o tempo, sobre a infância e a morte, sobre o sentido e o não-sentido do real e do fingimento, sobre as coisas e os simulacros. Estes, que são temas filosóficos de todos os tempos, dignos, portanto, da *eironeia*, constituem as linhas de força que motivam o trabalho intersemiótico do livro. Dois núcleos de interesse englobam os poemas: um metapoético cujas inquirições demandam o ofício do artista, os limites e os materiais da criação, outro cujos questionamentos são existenciais. Entre uns e outros, transparece a mesma força expressiva de uma sensibilidade lírica apurada, que foi filtrada e submetida pela lucidez formal, pelo estudo e pelo convívio com outros textos e outras telas.

As questões estéticas suscitadas por esta obra se originam da interlocução, do dialogismo, de uma explícita festa de signos. As influências pictóricas não se escamoteiam, nascem de *lembranças de Chagall, desejos de Kandinsky, sonhos de Monet*, fagulhas de beleza que cintilam na “Instantânea eternidade” da fruição. Herança do primeiro é a importância concedida ao elemento onírico, através da justaposição de vários motivos pictóricos numa única composição, como em “Sonhos e cores I”, onirismo que pode levar ao fantástico

como em “Instabilidade”. Do segundo a pintora herda a utilização de grandes massas coloridas que se sobrepõem, como em “Madrugada”. A Monet são devedoras muitas telas, ou pela técnica de fixação do efeito da luz sobre a paisagem, ou pela exploração do motivo do jardim em flor, ou pela fixação do olhar e do pincel em espelhos d’água de onde nenúfares buscam a luz, tal como no quadro “Batismo”. Van Gogh, que os poemas não nomeiam, é implícita presença a habitar as telas pela sedução do amarelo, e dos girassóis.

As influências literárias também se evidenciam, quer no título de alguns poemas, quer na citação de alguns versos ou fragmentos de versos conhecidos que ganham nova significação quando se apresentam deslocados de seu lugar de origem, quer como recorrência temática. Nessa biblioteca revisitada, Carlos Drummond de Andrade é “A sombra no caminho” poético de um exercício de escrita embalado pelo sino de centenárias igrejas, e sonhado ao pé de montanhas a ultrapassar. Um passado se recupera dando, como em Drummond, especial relevo à memória da infância, num trabalho de recomposição do que se perdeu: *fazenda, avós centenários, gado, colheitas, pomares, férias*. Esse passado se redimensiona de fora, por isso mesmo com olhar saudoso, mas sempre crítico, olhar que se quer um modo de perguntar.

Fernando Pessoa é outro convidado a compor a teia intertextual, dando título e tema a poemas: “Para Ricardo Reis” é um deles. Este poema se constrói como uma resposta ao poeta que, por hipertrofia do saber, por compreender o absurdo da existência feita para a morte, escolhera viver à margem da vida. O eu-lírico que dialoga com Reis também se conhece na própria limitação, mas opta pela vida. Ele sabe da *dor* do existir, mas descarta a inação. A consciência dolorosa da efemeridade, que fizera Ricardo Reis eleger, como Heráclito, a água que flui como metáfora da passagem do tempo, é recuperada pelo assunto de vários quadros, concebidos como marinhas ou paisagens interioranas à beira rio.

Pintores e poetas que constituem o leque de referências da obra intersemiótica de Lélia são utilizados como afirmação de que o mundo da arte é o mundo do diálogo. Entretanto a citação é convocada por textos e telas, para criar zonas de convergência e de diferença em relação à tradição modelar. Poemas e quadros se pensam como apresentação e não como representação. Lado a lado a arte poética e a pictórica agem mutuamente pelos efeitos de presença que criam. Assim se concebem como uma proposta questionadora, irônica, colocando em xeque o poder da representação, iluminando em palavra e cor o caráter ilusório do objeto artístico. O lado a lado da letra e da cor constitui um exercício fecundo que, lucidamente, almeja destituir o signo de seu caráter referencial e mimético. Assim

se demonstra que, muito embora o assunto da arte seja o real, o real empírico não é o seu fim, o único real que em arte se constrói é a explosão da linguagem que a constitui. É o que parecem ilustrar o poema e o quadro intitulados “Noturno”. O poema que diz a tela aponta para a essencialidade da mesma, ensinando que uma pintura é só isso: *pingos de luz, flashes de cor*, isto é, presença ostensiva de seus materiais constitutivos, e porque é só isso, é também a promessa do infinito.

Este livro que nos brinda com prodígios em textos e telas, fruto do rigor dos pincéis e da pena agindo sobre a sensibilidade e fruto da análise de quem aprecia o mundo com olhos de ver e de perguntar, é uma salutar experiência de decifração da subjetividade, da sensibilidade artística e da própria criação. Percorrer esse universo prodigioso é tarefa das mais prazerosas e oportunas, por isso, parodiando a autora, no poema “Introdução”, só posso dizer: *recomendo o exercício!*

ALVES, Maria Theresa Abelha. Prodígios em textos e telas. In: DUARTE. Lélia Parreira. *Exercícios de viver em palavra e cor*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2009. p. 11-18.